



## MÍRON, APOLO E NARCISO: REFLEXÕES SOBRE O CORPO E A BELEZA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Liege Monique Silva  
Karenine Oliveira Porpino

### RESUMO

*Falar em corpo e beleza parece algo bastante familiar à Educação Física. Nesse sentido, buscamos refletir as relações entre Corpo, Beleza e Educação Física, tendo como referência metafórica as seguintes obras de arte: Discóbulo de Míron, Apolo do Belvedere, Narciso no lago, O Acrobata. Inicialmente ressaltaremos a experiência da beleza em sua relação com o corpo, considerando dois referenciais de beleza, pautados nas imagens do Discóbulo de Míron, de Apolo e de Narciso. Em seguida, apresentaremos algumas reflexões a partir da obra O acrobata, de Pablo Picasso, apontando contribuições para a Educação Física.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Beleza; Imagem.

### APROXIMAÇÕES INICIAIS

É possível perceber que estamos rodeados por conceitos e concepções de beleza e que, de certo modo, falar sobre ela é inevitável. Por um lado, socialmente são inúmeras as possibilidades de intervenção corporal propagadas para a população; por outro lado, são inúmeros os estudos, pesquisas e debates a seu respeito.

De fato, a ordem do dia é estar esbelto, magro, com os músculos à mostra e em movimento, o que atende, assim, aos apelos e aos padrões hegemônicos da nossa sociedade.

Especialmente na Educação Física, o corpo e a beleza encontram um campo vasto de discursos, pesquisas e debates. Potencialmente, a área produz e divulga conhecimentos sobre o corpo por meio de uma diversidade de manifestações, como o esporte, os jogos, a dança, as lutas e a ginástica. O que nos faz acreditar que ela possa se constituir pela pluralidade de conhecimento, atravessada por diversos saberes e práticas, devendo estar aberta ao diálogo com diferentes tipos de conhecimentos, a partir do corpo e da cultura de movimento (MENDES, 2002).

A linguagem do corpo na área possibilita sentidos e significados diversos sobre a aparência, a beleza e a estética. Formas diversas de percebê-lo, que permite evidenciar diferentes horizontes para sua compreensão a partir das noções de beleza.

Compreendemos que, embora a discussão acerca do corpo pareça ser bastante corriqueira e comum na atualidade, como aponta Melo (2009), é comum ouvirmos em eventos e estudos da Educação Física que o corpo está inflacionado, fato de que o autor discorda. Concordamos com ele, visto que as histórias contadas em torno desse fenômeno na área parecem ser uma história sem corpo, pelo menos enquanto elemento essencial de nossa existência.

Dessa maneira, a Educação Física continua sendo uma fonte profícua de conduzir e reconvocar o homem para além dos conhecimentos objetivistas. Em outras palavras: “No campo do conhecimento do corpo, coloca-se um reexame e reinvestimento dos modelos existentes, como condição para se criar novos materiais ou novos meios de expressão.” (NÓBREGA, 2006, p. 67).

Assim, amparados nas ideias de Merleau-Ponty (2004a) e Nóbrega (2008), compreendemos a arte como uma possibilidade da experiência do sensível, segundo esclarece a autora, “[...] não como pensamento de ver ou sentir, mas como reflexão corporal.” (NÓBREGA, 2008, p. 398).

Desse modo, pensando nas reflexões sobre o corpo propiciadas pelas obras artísticas, é que as utilizaremos não para historizar os padrões culturais do corpo através das artes, mas para fazermos ponderações pontuais às necessárias articulações entre corpo e beleza, tendo como referência modelos de beleza delineados historicamente na Educação Física.

Diante disso, as linhas que se seguem buscam refletir as relações entre Corpo, Beleza e Educação Física, tendo como referência metafórica as seguintes obras de arte: O Discóbulo de Míron, Apolo do Belvedere, Narciso no lago, e O Acrobata.

Inicialmente ressaltaremos a experiência da beleza em sua relação com o corpo, considerando três referenciais de beleza, pautados nas imagens do Discóbulo de Míron, de Apolo e de Narciso. Em seguida, apresentaremos algumas reflexões a partir da obra O acrobata, de Picasso, visando apontar contribuições da temática no campo da Educação Física.

## DISCÓBULO DE MÍRON: APROXIMAÇÕES COM A CIVILIZAÇÃO GREGA

Representações de corpos perfeitos são associadas a deuses e, de fato, podemos constatar isso nos discursos populares ou nas expressões ditas às pessoas bonitas, como, por exemplo, “ele é um deus”. É bem verdade que, no que se refere à beleza, não há como negar

que os povos gregos suscitem diferentes representações, principalmente em suas expressões artísticas.

Na Grécia antiga, os atletas, os heróis e os deuses eram imortalizados em estátuas representadas por corpos atléticos. Entre os gregos, o estudo do belo não fazia parte da reflexão a respeito dos produtos do trabalho humano. Mas suas obras de arte eram objeto de características poéticas.

Como afirma Eco (2007), os gregos não possuíam uma estética, conceito ou teoria de beleza. Nessa sociedade, a beleza não tinha um estatuto autônomo, mas estava sempre relacionada a atributos, como, por exemplo, justiça, verdade, bondade, desejo, medida, proporção, especialmente na tríade física, moral e intelectual.

Do mesmo modo, acrescenta ainda esse autor que a beleza para os gregos ia além das formas físicas; também se exprimia através dos sentidos, especialmente através da visão e da audição, sendo no silêncio visual, no que não se vê e na significação do que é visto que essa civilização humana delineou seus ideais estéticos.

Portanto, ao compararmos a representação de corpo presente nas artes, veremos que, no decorrer da história, diversos são os critérios que definem aquilo que podemos considerar como belo, seja porque os artistas simplesmente corresponderam aos padrões estabelecidos de sua época, seja porque, ao contrário, eles subverteram esses padrões em suas obras (QUEIROZ, 2004).

O fato é que, o corpo tornou-se o espaço de criação, da utopia e da conquista; somos levados a ser sempre belos, oscilando em um corpo que é recusado e outro a ser alcançado. E, nessa perspectiva, onde a aparência é o que conta nos deparamos com:

[...] a valorização de um padrão, qual seja aquele do corpo belo, jovem e sempre “em forma”, visualizamos a acolhida entusiástica aos recursos técnicos e científicos de remodelamento das aparências. Reforçando a tese de que os cuidados com o corpo estão “na ordem do dia”, especialmente quando consideramos o universo da beleza (FERNANDES, 2004, p. 4).

Diante disso, entre os diversos setores que tematizam o corpo encontra-se a Educação Física, que imbuída do pensamento do corpo perfeito e forte carrega consigo, especialmente em sua relação com o esporte, à noção do atleta como símbolo de juventude, força e saúde.

Como afirma Vasconcelos (2005) a ginástica do século XIX, posteriormente denominada de Educação Física, integrou uma retidão do corpo, possibilitada a partir da prática de exercícios físicos, com o intuito de tornar o corpo eficiente e ativo para o trabalho.

A realização sistemática da ginástica estava atrelada a diversos benefícios entre elas, a juventude, o vigor e a saúde. Os quais, configurados por um ideal de robustez, atrelou-se a imagem do atleta.

Essa relação, pode ser observada na imagem 1, na mais célebre das estátuas atléticas, o Discóbulo de Mirón. Esculpida pelo escultor grego Mirón, no século V a .C. Estátua que foi escolhida como símbolo oficial da Educação Física pelo Conselho Federal de Educação Física, por representar a força e o dinamismo característicos da profissão (CONFEF, 2009).



Imagem 1: Discóbulo de Míron, séc. V a.c. Museu Nacional Romano. Míron

Como observa-se na famosa estátua grega, o corpo desse atleta é pautado pela proporção, harmonia e simetria de suas formas, que: “[...] esvaziada da sua própria história, passou a representar popularmente um conjunto abstrato de ideais de perfeição e de beleza” (ALMEIDA apud SUGUIHURA, 2007, p. 202).

No entanto, contrariamente ao que se pensa atualmente em relação à perfeição corporal dessa escultura, sobretudo de suas formas anatômicas ela não representa ou idealiza um corpo unicamente, mas exprime, como criam os gregos, uma beleza que harmonizava a alma e o corpo. Em sua palavras: “ela representa a expressão viva da beleza do corpo [...] a beleza das formas e a bondade da alma” (ECO, 2007, p. 45).

Portanto, se para os gregos a beleza não consistia unicamente no objeto, mas na dualidade do corpo com a alma, percebe-se que, destituído de sua característica original, o Discóbulo de Mirón vem sendo utilizado pela Educação Física como um simbolismo que exalta prioritariamente as formas e os atributos físicos, o desempenho atlético e, sobretudo, o corpo saudável.

Com isso, vincula-se o corpo dos profissionais da área. Os quais têm sua competência imbricada à aparência física, já que é na exaltação do professor saradão, grandão, forte e bonito que esses indivíduos gozam de um passaporte que lhe agrega status e ampliação da circulação social, pois: “a percepção da forma corporal integrada à competência profissional exclui do mercado um grande número de pessoas que não se enquadram neste perfil” (CHAVES, 2009, p. 186).

Logo, parece não se admitir ao corpo desses professores imperfeições, divergências e deficiências. Razão pela qual vê-se muitos fazerem uso de substâncias químicas na busca de

manter o corpo sempre “em forma” e dentro dos padrões vigentes. Especialmente pelo fato de o corpo deles funcionarem como uma espécie de “currículo” no mercado, como constatou Palma e Assis (2005) em pesquisa com professores de Educação Física.

No entanto, é preciso compreender o corpo para além de seus limites, controles e configurações biológicas. Uma vez que, o ser humano ultrapassa o nível biológico e forma uma unidade entre o cultural e o natural, criando um mundo de significações para o corpo, capaz de reconhecê-lo e percebê-lo sob diferentes perspectivas, desautorizando, portanto, a ideia da mundialização de um corpo padrão.

Essa compreensão aponta para outra perspectiva de corpo e beleza, que não se reduz às concepções universalizantes nem a um modelo único, mas que, reconhecendo seus limites e possibilidades, é capaz de refazer sentidos próprios para a vida e a existência humana.

## CORPO, BELEZA E O IDEAL APOLÍNEO: IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA.

A Educação Física, ao longo da história, sempre esteve ligada ao objetivo de transformar os corpos, de modelá-los e enquadrar os indivíduos nas concepções estéticas preconizadas em cada época, perpassando pelos modelos tecnicista, higienista e militarista, que estão presentes na história da área.

Compreendemos que, independente da vertente, os modelos que marcam a história da área sempre expressaram o desejo de transformação dos corpos, bem como a modelagem de suas formas.

Certamente, a Educação Física priorizou o corpo a partir das práticas corporais e nos modelos de beleza implícitos tanto nos gestos perfeitos quanto nos corpos padronizados. Em outras palavras:

A busca de um padrão de beleza a ser adquirido pela prática do exercício tem marcado fortemente a história da Educação Física, fazendo-nos acreditar que esta vem priorizando uma concepção de estética fundada no ideal clássico de beleza (PORPINO, 2003, p. 148).

Porpino (2003) estabelece ao deus grego Apolo a representação da beleza clássica, da média, da ordem, da proporção, da simetria, do equilíbrio e da harmonia das formas, tão emblemáticas na maneira como o corpo e a beleza historicamente são percebidos na Educação Física. Jovem, bonito e de uma representação clássica da beleza, sabe-se que ele foi o soberano da poesia, da música, da dança e do pensamento intelectual, assim como da



medicina, da condução dos homens e da colonização. E, não era surpreendente que, devido à sua beleza, teve inúmeros casos amorosos com ambos os sexos.



Imagem 2: Apolo do Beveldere, séc. IV a.c. Museu do Vaticano. Leocrés.

Uma das doze divindades gregas do Olimpo, Apolo, também é chamado de Febo. Filho de Zeus e de Leto, irmão gêmeo da deusa Artêmis e pai de Asclépio e de Orfeu, ele é conhecido na mitologia greco-romana como uma divindade solar, mas, especialmente, como aquele que representou o ideal grego de beleza masculina, por possuir atributos e uma beleza física inigualável (KLOSS, 2009).

Conforme podemos observar na imagem 2, a famosa estátua de mármore foi feita na Antiguidade Clássica, no ano 300 a.C, por Leocarés. O Apolo Belvedere, foi redescoberto no Renascimento e durante vários séculos simbolizou a perfeição estética para europeus e ocidentais em todo o mundo. Hoje, está exposta no Museu Pio-Clementino, no Vaticano.

Como mostra a imagem, sua beleza está fundada na aparência, na medida, na ordem, na proporção e na simetria do corpo, características observadas por meio dos traços e das formas serenas como esse deus é arquitetado e concebido.

É certo que a representação e traços estéticos de Apolo ainda parecem estar imbuídos na Educação Física, pois vista como área relacionada às práticas corporais ou como atividade formadora dos corpos, aparece como aquela pela qual a beleza clássica poderia ser adquirida.

Certamente, a área traz consigo concepções de corpo pautadas pela formação estética e ideais de beleza atreladas às práticas corporais, traduzidas em corpos retos, esguios, esbeltos e harmoniosos. Uma concepção clássica de beleza que se impõe como modelo no mundo grego através do deus Apolo e ganha forças nas artes com o Renascimento (PORPINO, 2003).

Com um olhar atento ao longo da história da Educação Física, podemos perceber que formas diversas de concepção acerca do corpo foram sendo construídas, especialmente relacionadas ao Movimento Ginástico Europeu. Esse movimento de origem nas relações cotidianas de festas populares, espetáculos de circo e de rua, de exercícios militares e outros passatempos da aristocracia, configura-se, de um modo geral, como princípios de ordem, disciplina e estética (SOARES, 2002b).

Nesse sentido, podemos compreender que a ginástica afirma-se como parte da educação dos indivíduos, mais especificamente uma educação do corpo, pautada pelos aspectos do controle, da robustez, da disciplina, do alinhamento e da higiene, moldados e adequados do ponto de vista médico, ortopédico e estético (SOARES, 2002b). De modo geral, disseminava-se a ideia de modelagem e estética do corpo, em que todos deveriam se adequar ao modelo e padrão instituído como ideal na sociedade.

Dessa maneira, os exercícios físicos atrelados à beleza aparecem por meio dos treinamentos, dos aparelhos ortopédicos e do uso de espartilhos, estando vinculados à Educação Física há bastante tempo, como assegura Porpino (2003):

As preocupações com a formação estética e com a beleza estão explicitamente vinculadas ao corpo e aos gestos técnicos que esse corpo realiza nas práticas ginásticas, esportivas, dentre as outras que compõem o arsenal da Educação Física [...] Apesar de pouco discutida no campo acadêmico, a relação entre Educação Física e estética é bastante antiga, basta que retomemos o Movimento Ginástico Europeu no século XIX. (PORPINO, 2003, p. 148).

Desse modo, a relação entre corpo, beleza e exercício físico presente no movimento ginástico francês estava associada a uma educação do gesto e harmonia dos movimentos, como afirma Soares (2002b, p. 111), a partir das obras de Demyen, “[...] a harmonia traz a beleza. Um movimento não é belo se não é correto, preciso ou bem definido.”

Desse modo, o corpo, para ser considerado belo, deve estar ligado aos exercícios realizados de maneira harmoniosa e correta. O belo, nessa concepção, configura-se a partir da prática de exercícios físicos, ou seja, “[...] uma educação do gesto implícito nas formas a serem obtidas através dos exercícios físicos executados corretamente.” (PORPINO, 2003, p. 149).

Nesse contexto, a Educação Física, imbuída historicamente de uma concepção clássica e de uma formação estética atrelada às formas corporais, precisa considerar que essa concepção não é a única, tampouco é suficiente para abarcar todo o universo estético na contemporaneidade, como acrescenta Porpino (2003, p. 155): “Basta olharmos os múltiplos corpos que transitam e confundem-se nas ruas dos grandes centros urbanos para vermos como são diversos os aspectos culturais que levam determinadas pessoas a serem vistas como belas”.

Sendo assim, estando a beleza atrelada aos exercícios físicos no contexto da Educação Física, a partir da concepção de beleza apolínea, refletiremos, também, sua relação com o

olhar do outro, a contemplação de si e o corpo forte, pautados no deus Narciso.

## NO LABIRINTO DOS ESPELHOS: NARCISO E O MUNDO ENCANTADO PELA IMAGEM

Compreendemos que o cuidado com o corpo está pautado em discursos normatizadores, que estabelecem modelos, formas e ideias para o corpo. A ele são atribuídos valores, crenças, conceitos e concepções, que determinam como o ser humano deve se enquadrar nas sociedades e nas culturas.

Sobre isso Foucault (2002) explica que, em qualquer sociedade, o corpo está preso a poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Dessa forma, entendemos que as concepções de corpo e de beleza estão pautadas em relações de poder, como afirma o autor: “[...] o corpo é investido por relações de poder e de dominação.” (FOUCAULT, 2002, p. 25).

De fato, embora sejamos constantemente influenciados pelos discursos normatizadores que nos cercam, é preciso reconhecer que o ser humano, ao mesmo tempo em que é submetido aos valores impostos a ele, é capaz de criar e recriar saberes diversos para as verdades já instituídas.

Essa nuance pode ser expressa em Foucault (2006), como o poder que, ao mesmo tempo em que se exerce, cria mecanismos de fuga. Dialogando ainda com o autor supracitado, ao falar sobre a sexualidade, o discurso que se fala e se cala na vontade de saber sobre o sexo pode tomar como referência o corpo e a beleza, que tal como o sexo perpassam sobre discursos de poderes. Quanto a isso, ele afirma que “[...] os discursos [...] nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele [...] o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.” (FOUCAULT, 1998, p. 111-112).

Podemos perceber que o ideal contemporâneo é o ideal de um corpo completamente enxuto, compacto, firme, jovem e musculoso. Ser magro, esbelto, não basta; a flacidez, a gordura e as imperfeições devem ser corrigidas e eliminadas, pois a carne não deve mexer-se, e o corpo deve ser firme, harmonioso e sem a presença das marcas do tempo.

Socialmente o corpo sarado e tonificado confere não apenas atributos físicos, mas também está associado ao cuidado intenso com o corpo, sucesso profissional e sentimental, símbolo de virilidade masculina e sinônimo de ostentação feminina. Para tanto, Silva (2001)



clarifica que o cuidado com o corpo transformou-se numa ditadura do corpo, valendo se utilizar de todos os aparatos científicos e tecnológicos de que o mercado dispõe para que, de fato, as pessoas possam se enquadrar no modelo dito ideal.

Nesse contexto, na busca pela musculatura firme e definida, características que configuram a beleza do corpo forte, o uso indevido de suplementos alimentares, medicamentos e anabolizantes, objetivando aumento e definição muscular em curto prazo, reflete a maneira drástica como os homens vêm lidando com o próprio corpo, na promessa de possuir um corpo belo.

Sendo assim, a atividade física torna-se um investimento auxiliar diante dos diversos meios que possibilitam manter o corpo atlético, em que os medicamentos e anabolizantes são utilizados como principal meio de alcance e definição muscular. Segundo Soares (2002b), os anabolizantes deixam os consultórios médicos e conquistam adeptos interessados em obter musculatura de forma imediata, não importando os riscos decorrentes de seu uso indiscriminado, desde que se conquiste o corpo idealizado.

Sobre isso Chaves (2009) nos afirma que “ser forte”, é a imagem tão perseguida nos labirintos da vida em uma sociedade obsedada por imagens, pela aparência e pelo quimérico do corpo perfeito.

Nessa direção, a competência profissional na Educação Física parece estar imbricada à aparência física. Como acrescenta Chaves (2009), é na exaltação do professor saradão, grandão, forte e bonito que os indivíduos na Educação Física gozam de um passaporte que lhes agrega status e ampliação da circulação social. Em suas palavras, “[...] a percepção da forma corporal integrada à competência profissional exclui do mercado um grande número de pessoas que não se enquadram neste perfil.” (CHAVES, 2009, p. 186).

A autora supracitada, ao investigar a cultura corporal de futuros professores de Educação Física do estado do Rio de Janeiro, constata que a maioria dos estudantes participantes de sua pesquisa chegou à graduação já fazendo uso de esteroides anabolizantes, especialmente os que enfatizam praticar musculação. Nessa busca pelo corpo perfeito, em sua relação com a Educação Física, Chaves (2009), admirada, afirma: “A ambiência do curso de Educação Física não parece deflagrar ou mesmo estimular a utilização dos esteróides anabolizantes, embora encontremos um fértil imaginário de normalização desta prática” (CHAVES, 2009, p. 236).

Diante disso, podemos dizer que a Educação Física, por vezes, ainda parece imbuída da fantasia da imagem perfeita, principalmente como potencializadora a enredar esse

imaginário do corpo perfeito e da perfeição narcisística.

Assim, seja nos mitos ou na real história da humanidade, Narciso continua representando e permeando o imaginário e quimérico da perfeição. E, de fato, os narcisos da contemporaneidade podem ser facilmente percebidos nas imagens dos corpos esculturais espalhados em nossa sociedade. São deuses, ou melhor, simples mortais que, ludibriados e ávidos pela finitude da beleza divina, acabam ingressando entre os labirintos de seus reflexos.

Nesses labirintos, encontramos Narciso símbolo da mitologia grega, considerado o mais belo dos mortais. Filho do rio Cefiso e da ninfa Liríope, ele possuía uma beleza à altura das divindades, fato que o levou a ser condenado, a viver até a idade madura, na condição de jamais ver sua própria imagem (NAKAGAWA, 2009).

De acordo com Chaves (2009), Narciso, em sua indescritível formosura, afrontava os próprios deuses, por ultrapassar os limites da beleza humana, sendo com isso merecedor de punição. Sua mãe, Liríope, preocupada com o futuro do filho, consulta o mais célebre dos adivinhos para saber se ele viveria muitos anos. O velho Tierésias anuncia que o jovem viveria longos anos, desde que não se visse.



Imagem 3: Narciso no lago, séc. XVI  
Fonte: Narciso web

Essa sentença é cumprida no momento em que, em certa caçada, ávido por água, aproxima-se da fonte Téspias, como podemos observar na imagem 3, e sobre o cristalino espelho d'água viu-se refletido. E é esse reflexo, precisamente, que se mostra revelador e que ele contempla, “[...] sua imagem o capturou, embevecido e extasiado com sua beleza

apaixonou-se.” (CHAVES, 2009, p. 233).

Rico em sua simbologia, encontramos nesse mito uma fantasia que revela a obsessão pela imagem, pela aparência e pela admiração, cultivados em um modelo de corpo que satisfaz e contempla os próprios indivíduos. Nesse sentido, os narcisos contemporâneos também acenam para o corpo do desejo, mobilizados pela admiração de suas “ninfas”, ao se debruçarem nos lagos, desvelam: “O que pode ser um dos grandes mistérios deste jogo das aparências: a negação da morte e da idéia de finitude: do corpo, da juventude, da beleza, da aparência.” (CHAVES, 2009, p. 234).

De acordo com a autora supracitada (2009), a narrativa desse mito, tem permeado o

imaginário das sociedades contemporâneas, onde os espelhos enredam os labirintos que acorrentam o quimérico da perfeição física.

Nesse sentido, situando nossos dias, podemos perceber que os espelhos estão ao nosso redor constantemente, pregados nas paredes, nas salas, nos quartos, nos salões de beleza e nas academias; eles fazem parte do nosso dia-a-dia, absorvendo boa parte do nosso tempo.

Segundos, minutos, horas... O olhar percorre, analisa, paralisa e mostra o instante de nosso reflexo. Nesse mergulho com a nossa própria imagem, o espelho nos invade, provoca ecos, projeta enredos, permitindo encontros, desencontros e confrontos, em um jogo concreto ou virtual de vida ou de morte da imagem que nos é revelada.

Narciso não parece congelado em seu tempo, mas em sua dinamicidade atravessa seu próprio mito para os dias atuais, carregado de mudanças e também de repetições.

Comprendemos que ele nos coloca entre dois pólos: de um lado, a ânsia do arquétipo e, do outro, a exaltação do eu. Todavia, apontamos para a necessidade do equilíbrio entre esses polos, haja vista que sem o Narciso o homem não se funda, mas o seu excesso lhe destrói. E, certamente, é preciso ser narcísico, sem jamais desencontrar o seu equilíbrio.

Sendo assim, da imagem predominante de modelos de corpos, pautado nas concepções de harmonia e da musculatura definida, passa-se para outra perspectiva de corpo e beleza. Uma concepção que não se reduz em referenciais ou modelos universalizantes, mas admite diferentes contornos corporais e sentidos diversos para a beleza.

## ALÉM DO DIVINO E DO ENCANTADO: REDESENHANDO OUTROS CAMINHOS PARA A BELEZA

No campo de significações desvendado pelo corpo e pela beleza na Educação Física, expõe-se um leque de sentidos conferidos a esses fenômenos e as suas significações, especialmente através da sensibilidade e da linguagem humana.

Para tanto nos apoiamos nas reflexões de Merleau-Ponty, que, ao tecer reflexões sobre a relação do pintor com seu corpo, fornece-nos elementos significativos para o nosso pensamento sobre o corpo. Diz o filósofo: “[...] é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão de movimento.” (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 16).

Diante disso, consideramos a vivência da beleza como uma possibilidade de

envolvimento e aguçamento dos sentidos para além dos modelos ou das informações contidas no objeto. A beleza na relação de imanência entre o sujeito e o objeto e na troca recíproca entre estes, em que novas interpretações são possíveis, advindas de experiências já vividas.

Sobre essa cumplicidade do vidente com o visível, em que as posições de sujeito e objeto se alternam e se entrelaçam simultaneamente, não sabendo mais quem vê e quem é visto, diz-nos Merleau-Ponty (2004b):

O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o 'outro lado' de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 17).

Tomando as palavras do autor aqui referidas, somos levados à compreensão do corpo para além dos modelos, padrões e formas que lhe são impostos. O corpo não como uma mera formação biológica, mas como fonte visível e sensível, pincelado por escritos e marcas em sua existência.

Ainda no que se refere ao pensamento do filósofo como campo gerador de reflexões acerca do corpo e da beleza, podemos encontrar em suas ideias acerca da experiência estética novas perspectivas do belo para além da concepção objetivista.

Nessa direção, a estética, em Merleau-Ponty (2004b), apresenta-se como um conceito aberto, como campo sensível que se dá através dos sentidos e do corpo. A partir de suas ideias, podemos pensar que a beleza expressa a dimensão estética presente na polissemia do corpo humano, uma experiência enquanto apreensão do mundo através dos sentidos e da sensibilidade do corpo.

Vivenciar a beleza nessa perspectiva da sensibilidade, do aguçamento dos sentidos e do entrelaçar sensível do sujeito com o mundo faz-nos entender que ela aponta novos olhares para o corpo, ao transcender o entendimento objetivista de beleza. Reconhecendo-a não como modelo ou ideia, mas como vivência que o rompe com o conceito linear e objetivista de corpo e adentra num duplo enlace que envolve simultaneamente o objeto e o indivíduo.

Pensar na beleza dessa maneira leva-nos a compreender que podemos vivenciá-la em nosso cotidiano através da arte, do esporte, do jogo, das imagens, dos corpos, dos transeuntes, dentre outras formas de expressão humana. Essa vivência, no entanto, não se resume ao conceito clássico ou a padrões pré-estabelecidos; ela é bem mais ampla, como acrescenta Porpino (2003, p. 152): “É preciso considerar que o ideal clássico de beleza não é o único,

nem o suficiente para abarcar todas as possibilidades do estético, podendo ser considerado apenas um conceito, dentre tantos outros na contemporaneidade” (PORPINO, 2003, p. 152).

Nesse sentido, compreendemos a experiência estética como uma possibilidade de redimensionar as perspectivas objetivistas do conhecimento sobre o corpo.

Diante disso, compreendemos que a linguagem sensível do corpo configura possibilidade de outros arranjos da beleza, expresso nas imperfeições, deficiências, desordens e discrepâncias.

Essa perspectiva estética aponta outro olhar para o corpo ao ampliar a compreensão de beleza para além da padronização das formas corporais.

Essa compreensão remete-nos ao quadro O Acrobata, de Pablo Picasso, conforme é possível evidenciar na que segue. Essa pintura não tem ordem, forma metrificada, tampouco equilíbrio e harmonia das formas. Ao revés, suas formas parecem desarticuladas, incompletas, desordenadas e falhas.

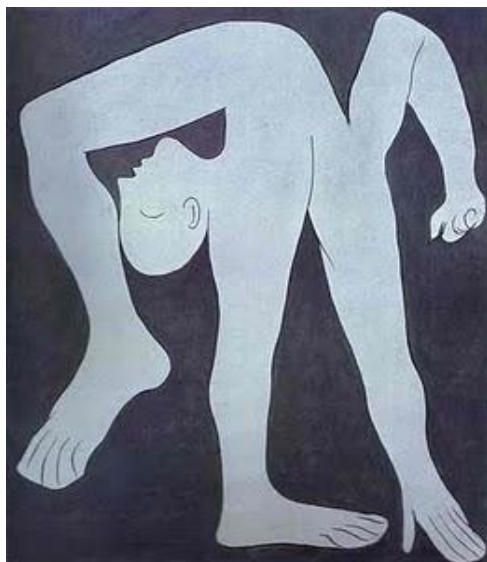


Imagem 4: O acrobata de Picasso, 1930  
Fonte: Picasso web

Sua beleza se constitui no grotesco, na desmedida e no desalinhamento de um corpo que conjuga, entre outras coisas, desarmonia como condição de existência. Nessa direção, sobre O acrobata, acrescenta Mendes (2006, p. 128): “[...] a sua harmonia corpórea ocorre na possibilidade de se desordenar, de gozar de plasticidade e na reaproximação do ser humano com sua animalidade”.

De fato, ao contemplarmos essa obra de arte como mostra a imagem 4, favorecidos pelas reflexões de Mendes (2006), somos levados por suas marcações, desconstruções, em que o reto e as distorções se permutam, confundindo todas as categorias de corpo. Aqui, o corpo humano libera-se das coerções e das limitações dos modelos, as palavras de ordem e de perfeição perdem a sua virtude, como se não houvesse outros modelos, senão o que o próprio corpo decide ser, despojando qualquer norma e padrão. Ela suspende a visão da perfeição e revela diferentes ordens sobre as quais o corpo pode se instalar.

Esse conhecimento sensível, que se inscreve no corpo de O acrobata, convida-nos a pensar na beleza como fonte de incertezas e contradições. A beleza como campo aberto aos sentidos e como fonte inesgotável de significações, vivenciada nas múltiplas relações que



envolvem o homem e o mundo.

Acreditamos que é nessa direção que a Educação Física deve transitar, sem submeter-se a preceitos e a códigos fechados, mas sendo capaz de lançar outras possibilidades para a contemplação da beleza, hajam vista os padrões estéticos, enquanto proposições, não poderem substituir a experiência da beleza enquanto uma vivência sensível e arrebatadora.

Sendo assim, a experiência da beleza na área deve transcender os modelos ditos “ideais” para serem tomados e ancorados pelo deslumbramento e sensibilidade que os nossos olhos podem contemplar.

Compreender essas nuances constitui um contínuo desafio à Educação Física, ao disponibilizar sentidos e significados sobre o corpo, permitindo sentidos diversos e diferentes horizontes para se contemplar o corpo, a beleza, a vida, o ser humano.

## MIRON, APOLLO AND NARCISSUS: REFLECTIONS ON THE BODY AND BEAUTY IN THE CONTEXT OF PHYSICAL EDUCATION

### ABSTRACT

*Talk on body and beauty seems something quite familiar to Physical Education. Accordingly, we reflect the relationship between Body, Beauty and Physical Education, with the metaphorical reference the following artworks: Discóbulo of Myron, Apollo Belvedere, the lake Narcissus, The Acrobat. Initially we will highlight the experience of beauty in its relation to the body, considering two benchmarks beauty, guided by the images of the Discóbulo Myron, Apollo and Narcissus. Then we present some reflections from the book The Acrobat, Pablo Picasso, pointing contributions for Physical Education.*  
Keywords: Body; Beauty; Picture.

## MIRON, APOLO Y NARCISO: REFLEXIONES SOBRE EL CUERPO Y BELLEZA EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA

### RESUMEN

*Hable sobre el cuerpo y la belleza parece algo muy familiar para la Educación Física. En consecuencia, reflejan la relación entre el cuerpo, la belleza y la Educación Física, con la referencia metafórica de los siguientes lotes: Discóbulo de Myron, Apolo Belvedere, el lago de Narciso, el acróbata. Inicialmente vamos a destacar la experiencia de la belleza en su relación con el cuerpo, teniendo en cuenta dos puntos de referencia belleza, guiado por las imágenes de la Myron Discóbulo, Apolo y Narciso. A continuación se presentan algunas reflexiones del libro El acróbata, Pablo Picasso, señalando las contribuciones para la Educación Física.*

Palabras clave: Cuerpo; Belleza; Imagen.

## REFERÊNCIAS

CHAVES, Simone Freitas. *No labirinto dos espelhos: O corpo e os esteróides anabolizantes*. Niterói: [Nitpress](http://www.nitpress.com.br/), 2009.

CONFED. *Conselho Federal de Educação Física*. Disponível em: <http://www.confef.org.br/>. Acesso em 22 out. 2009.

ECO, Umberto (Org.). *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, Rita de Cassia. *Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia: corpo, saúde e envelhecimento*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação Física, Campinas: UNICAMP, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução Raquel Ramallete. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Texto original publicado em 1975).

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. (Texto original publicado em 1979).

KLOSS, Renato Monteiro. *Mitologia grega: Apolo*. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGApolo0.html>. Acesso em: 22 out. 2009.

MELO, José Pereira. Prefácio. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). *Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciências, filosofia e educação*. Natal: EDUFRN, 2009. p. 9-11.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. *Corpo e cultura de movimento: cenários epistêmicos e Educativos*. 2002. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mens Sana in Corpore Sano: compreensões de corpo, saúde e Educação Física*. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. Tradução F. Landa e E. Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. (Texto original publicado em 1948).

\_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. Tradução P. Neves e M. Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004b. (Texto original publicado em 1966).

NAKAGAWA, Patrícia Yumi. *O mito de Narciso*. Disponível em: <http://www.palavraescuta.com.br/textos/o-mito-de-narciso>. Acesso em: 22 out. 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo e epistemologia. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). *Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física*. João Pessoa: UFPB, 2006.

\_\_\_\_\_. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte e a inexatidão da verdade. *Revista Cronos*, Natal, v. 9, n. 2, p. 393-403, jul./dez., 2008.

PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique. Uso de esteróides anabólicos-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v.27, n.1, p. 75-92, set., 2005.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Interfaces entre corpo e estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física. In: LUCENA, Ricardo; SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XXI*. Campinas: Autores associados, 2002b.

QUEIROZ, Madeleine Piana de Miranda. *Corpo de Vênus: mediações sociais formativas dos valores estéticos corporais em adolescentes do sexo feminino na contemporaneidade*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação/UFMG. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2004.

SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões a cerca da gestação de um novo tipo arquétipo da felicidade*. Campinas: Editores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOUZA, Edílson (Org.). *Educação Física, esporte e sociedade*. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 145-160.

SUGUIHURA, Felipe Magaldi. Mito e Beleza: a estatuária grega na revista Educação Physica. *Revista Pro-Posições*, v. 18, n. 1, jan./abr. 2007.

VASCONCELOS, Renata Veloso. *As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física: que estética é essa?* Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Rio de Janeiro: UGF, 2005.